

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

AGOSTO DE 1861

Nº 8

Aviso

A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas decidiu, em sessão de 19 de julho, que tomará férias no período de 15 de agosto a 1º de outubro. Em consequência, as sessões serão suspensas nesse intervalo.

Fenômenos Psicofisiológicos

DAS PESSOAS QUE FALAM DE SI MESMAS NA TERCEIRA PESSOA

O jornal *Siècle*, de 4 de julho de 1861, cita o seguinte fato, segundo o jornal do Havre:

“Acaba de morrer no hospício um homem, vitimado por uma aberração mental das mais singulares. Era um soldado, chamava-se Pierre Valin, e havia sido ferido na cabeça na batalha de Solferino. Embora a ferida estivesse completamente cicatrizada, desde então ele se julgava morto.

“Quando lhe pediam notícias da saúde, respondia: ‘Quereis saber como vai Pierre Valin? Pobre rapaz! Foi morto com

um tiro na cabeça em Solferino. O que vedes aqui não é Valin; é uma máquina que fizeram à sua semelhança, mas muito malfeita. Deveríeis pedir para que fizessem outra.’

“Ao falar de si mesmo, jamais dizia eu ou a mim, mas este. Frequentemente caía em completo estado de imobilidade e de insensibilidade, que durava vários dias. Aplicados contra essa afecção, os cataplasmas e vesicatórios jamais produziram o menor sinal de dor. Muitas vezes exploraram a sensibilidade da pele desse homem, beliscando-lhe os braços e pernas, sem que manifestasse o mais leve sofrimento.

“Para assegurar-se de que não dissimulava, o médico mandava picá-lo nas costas, enquanto conversavam com ele. O doente nada percebia. Muitas vezes, Pierre Valin recusava alimentar-se, dizendo que *isto* não era necessário; que, aliás, *isto* não tinha ventre, etc.

“O fato, ademais, não é o único do gênero. Um outro soldado, igualmente ferido na cabeça, falava sempre na terceira pessoa e no feminino. Exclamava: ‘Ah! como ela sofre! Ela está com muita sede, etc.’ Inicialmente fizeram com que percebesse o erro e ele concordou, bastante surpreendido, embora continuasse a reincidir no mesmo erro, de tal sorte que nos últimos tempos de sua vida só assim se exprimia.

“Um zuavo, também em consequência de um ferimento na cabeça, não obstante perfeitamente curado, havia perdido a memória dos substantivos. Sargento instrutor, posto soubesse muito bem o nome dos soldados de seu esquadrão, só os designava por estas palavras: ‘O morenã, o castanhzinho, etc’ Para comandar, servia-se de perífrases, quando se tratava de designar o fuzil ou o sabre, etc. Foram forçados a mandá-lo para casa.

“Os últimos anos do célebre médico Baudelocque ofereceram o exemplo de uma lesão análoga, porém menos marcante. Lembrava-se muito do que houvera feito quando gozava saúde; reconhecia pela voz os que vinham vê-lo, embora acometido de cegueira; mas não tinha a mínima consciência de sua existência. Se lhe perguntassem, por exemplo: Como vai a cabeça? ele respondia: ‘Não tenho cabeça.’ Se lhe pedissem o braço para lhe tomar o pulso, respondia não saber onde ele estava. Um dia quis ele próprio apalpar o pulso; puseram-lhe a mão direita sobre o punho esquerdo; a seguir perguntou se era mesmo a sua mão que sentia, após o que se julgou muito saudável pela pulsação.”

A cada passo a fisiologia nos oferece fenômenos que parecem anomalias e ante os quais ela fica muda. Por que isto? Já o dissemos, e nunca seria demais repetir: é que ela pretende referir tudo ao elemento material, sem levar na menor conta o elemento espiritual. Enquanto se obstinar nessa via restritiva, será impotente para resolver os mil e um problemas que surgem a cada instante sob o seu escalpelo, como a lhe dizer: “Bem vêes que existe algo além da matéria; apenas, com ela, não podes explicar tudo.” E aqui não falamos unicamente de alguns fenômenos bizarros, que poderiam pegá-la desprevenida, mas dos mais vulgares efeitos. Terá ela pelo menos se dado conta dos sonhos? Não falamos sequer dos sonhos reais, desses que são percepções reais das coisas ausentes, presentes ou futuras, mas simplesmente dos sonhos fantásticos ou das recordações. A fisiologia explica como se produzem essas imagens tão claras e tão nítidas que por vezes nos aparecem? Qual o espelho mágico que, assim, conserva a imagem das coisas? No sonambulismo *natural*, que ninguém contesta, ela explica de onde vem essa estranha faculdade de ver sem o auxílio dos olhos? Não de ver vagamente, mas nos mínimos detalhes, a ponto de se poder fazer com precisão e regularidade trabalhos que, em estado normal, exigiriam uma visão aguçada? Existe, pois, em nós, alguma coisa que vê independentemente dos olhos. Nesse estado, não apenas o sensitivo age, mas pensa, calcula, combina, prevê e se entrega a trabalhos de inteligência de que é incapaz no estado de vigília e do

qual não conserva a menor lembrança. Há, portanto, algo que pensa e que não depende da matéria. O que é esse algo? Aí ela se detém. Entretanto, tais fatos não são raros. Mais de um sábio irá aos antípodas para ver e calcular um eclipse, ao passo que não vai à casa do vizinho para observar um fenômeno da alma. São muito numerosos os fatos naturais e espontâneos que provam a ação independente de um princípio inteligente, mas esta ação ressalta ainda com mais evidência nos fenômenos magnéticos e espíritas, nos quais o isolamento desse princípio se produz, por assim dizer, à vontade.

Retornemos ao nosso assunto. Narramos um fato semelhante na *Revista* de junho de 1861, a propósito da evocação do marquês de Saint-Paul. Em seus últimos momentos ele dizia sempre: “Ele tem sede; é preciso dar-lhe de beber. Ele tem frio; é preciso aquecê-lo. Ele sente dor em tal local, etc.” Mas quando lhe diziam: Mas sois vós que tendes sede, ele respondia: Não, é ele. “É que o *eu* pensante está no Espírito, e não no corpo. Já em parte desprendido, o Espírito considerava seu corpo como uma outra individualidade que, propriamente falando, não era ele. Era, pois, ao seu corpo, a esse outro indivíduo que era preciso dar de beber, e não a ele Espírito. Assim, quando na evocação lhe fizeram esta pergunta: Por que faláveis sempre na terceira pessoa? ele respondia: “Porque, como vos dissera, estava vendo e sentia nitidamente as diferenças que existem entre o físico e o moral. Essas diferenças, *ligadas entre si pelo fluido da vida*, tornam-se muito distintas aos olhos dos moribundos clarividentes.

Uma causa semelhante deve ter produzido o efeito notado nos militares a que nos referimos. Talvez digam que a ferida tenha determinado uma espécie de loucura; mas o marquês de Saint-Paul não tinha recebido nenhum ferimento; tinha em estado perfeito o raciocínio, do que estamos certos, pois fomos informados do caso por sua irmã, membro da Sociedade. O que nele se produziu de modo espontâneo pode perfeitamente, nos outros, ter sido determinado por uma causa accidental. Aliás, todos

os magnetizadores sabem que é muito comum aos sonâmbulos falarem na terceira pessoa, fazendo ainda a distinção entre a personalidade de sua alma, ou Espírito, e o corpo.

Em estado normal as duas individualidades se confundem e sua perfeita assimilação é necessária à harmonia dos atos da vida. Mas o princípio inteligente é como esses gases, que não se prendem a certos corpos sólidos senão por uma coesão efêmera, escapando ao primeiro sopro. Há sempre uma tendência de se desembaraçar de seu fardo corpóreo, desde que deixa de agir, por uma causa qualquer, a força que mantém o equilíbrio. Só a atividade *harmônica* dos órgãos mantém a união íntima completa da alma e do corpo; mas, à menor suspensão dessa atividade, a alma levanta vôo. É o que acontece no sono, no quase sono, no mero entorpecimento dos sentidos, na catalepsia, na letargia, no sonambulismo natural ou magnético, no êxtase, no que se chama *sonho acordado*, ou segunda vista, nas inspirações do gênio e em todas as grandes tensões do Espírito, que muitas vezes tornam o corpo insensível. É, enfim, o que pode ocorrer como consequência de certos estados patológicos. Uma porção de fenômenos morais não tem por causa senão a emancipação da alma. A Medicina bem que admite a influência das causas morais, mas não aceita o elemento moral como princípio ativo. Daí por que confunde esses fenômenos com a loucura orgânica, razão por que lhes aplica um tratamento puramente físico que, com muita freqüência, determina a verdadeira loucura, onde desta só havia a aparência.

Entre os fatos citados, um há que parece muito estranho: é o do militar que falava na terceira pessoa do feminino. Como já dissemos, o elemento primitivo do fenômeno é a distinção das duas personalidades em consequência do desprendimento do Espírito. Mas há uma outra causa, revelada pelo Espiritismo, e que deve ser levada em consideração, porquanto pode dar às idéias um caráter particular: é a vaga lembrança de existências anteriores que, no estado de emancipação da alma, pode despertar e permitir um olhar retrospectivo sobre alguns pontos do passado. Em tais

condições o desprendimento da alma jamais é completo e as idéias, ressentindo-se da debilidade dos órgãos, não podem ser muito lúcidas, pois não o são inteiramente nem mesmo nos primeiros momentos que se seguem à morte. Suponhamos que o homem do qual falamos haja sido mulher em sua precedente encarnação: a idéia que pudesse ter conservado poderia confundir-se com a de seu estado presente.

Não poderia encontrar-se nesse fato a causa primeira da idéia fixa de certos alienados que se julgam reis? Se o tiverem sido em outra existência, pode ficar-lhes uma lembrança que lhes dê a ilusão. Isto não passa de uma suposição, mas, para os neófitos no Espiritismo, não é desprovida de verossimilhança. Dir-se-á que se tal causa é possível neste caso, ela não poderia aplicar-se aos que se julgam lobos ou porcos, uma vez que se sabe que o homem jamais foi animal. É verdade; mas o homem pode ter estado numa condição abjeta, que o obrigasse a viver entre os animais imundos ou selvagens. Aí talvez esteja a fonte dessa ilusão, que bem poderia, em alguns, ter-lhes sido imposta como punição dos atos de sua vida atual. Quando fatos da natureza desses de que estamos falando se apresentam; se, em vez de os assimilar sistematicamente às moléstias puramente corporais, seguíssemos atentamente todas as fases, com o auxílio dos dados fornecidos pelas observações espíritas, reconheceríamos sem dificuldade a dupla causa que lhes assinalamos, e compreenderíamos que não é com duchas, cauterizações e sangrias que podem ser remediados.

O caso do Dr. Baudelocque encontra ainda sua explicação em causas análogas. Diz o artigo que ele não tinha a menor consciência de sua existência. Isto é um erro, porque não se julgava morto; apenas não tinha consciência de sua existência corpórea. Se se achasse num estado mais ou menos semelhante ao de certos Espíritos que, nos primeiros tempos após a morte, não crêem estar mortos e tomam o seu corpo pelo de um outro, a perturbação em que se encontram não lhes permite se dêem conta da situação. O que se passa com certos desencarnados pode

acontecer com certos encarnados. É assim que o Dr. Baudelocque podia fazer abstração de seu corpo e dizer que não tinha mais cabeça, porque, efetivamente, o seu Espírito não mais possuía cabeça carnal. As observações espíritas oferecem numerosos exemplos desse gênero, projetando, assim, uma luz inteiramente nova sobre uma infinita variedade de fenômenos até hoje inexplicados, e inexplicáveis sem as bases fornecidas pelo Espiritismo.

Restaria a examinar o caso do zuavo que perdera a memória dos substantivos. Mas este só pode ser explicado por considerações de ordem inteiramente diversa, que pertencem ao domínio da fisiologia orgânica. Os desenvolvimentos que ele comporta nos obrigam a consagrar-lhe um artigo especial, que publicaremos brevemente.

Manifestações Americanas

Lê-se no *Banner of Light*, jornal de Nova Iorque, de 18 de maio de 1861:

“Pensando que os fatos seguintes são dignos de atenção, nós os reunimos para serem publicados no *Banner*, e os fizemos acompanhar de nossas assinaturas, a fim de lhes atestar a sinceridade.

“Na manhã de quarta-feira, 1^o de maio, pedimos ao médium, Sr. Say, que nos encontrasse em casa do Sr. Hallock, em Nova Iorque. O médium sentou-se perto de uma mesa, sobre a qual foram colocados uma corneta de estanho, um violino e três pedaços de corda. Os convidados estavam sentados em semicírculo, em frente ao médium, a seis ou sete polegadas da mesa; suas mãos se tocavam para dar a cada um a certeza de que ninguém saía do lugar durante as experiências que vamos narrar. A luz foi retirada e foi solicitado aos convidados que cantassem. Após

alguns minutos, tendo sido trazida a luz, encontraram o médium sentado em sua cadeira, com os braços cruzados, os punhos amarrados com a corda apertada, a ponto de dificultar a circulação e inchar as mãos. A ponta da corda tinha passado para trás da cadeira e amarrava as pernas às travessas. Uma outra corda amarrava os joelhos fortemente, enquanto a terceira prendia da mesma maneira os tornozelos. Em tais condições, era claro que o médium não podia andar, nem se levantar, nem utilizar as mãos.

“Um membro do círculo colocou uma folha de papel no assoalho, debaixo dos pés do médium e, com um lápis, traçou-lhe o contorno dos pés. A luz foi retirada e quase imediatamente a corneta, impulsionada por uma força invisível, pôs-se a bater rápida e violentamente na mesa, de maneira a deixar uma porção de sinais. Da corneta saía uma voz que conversava com os presentes; a articulação das palavras era muito distinta; o som era de uma voz masculina e o tom por vezes mais alto do que na conversa normal. Uma outra voz, mais fraca, um tanto gutural e menos distinta, conversava também com a assistência. Trouxeram a luz e o médium foi encontrado em sua cadeira, pés e mãos atados como já havíamos dito e os pés sobre os papéis, dentro dos limites traçados nas linhas feitas a lápis. Mais uma vez a luz foi retirada e a corneta recomeçou como acima. Foi pedido novamente às pessoas presentes que cantassem e, quase imediatamente, as manifestações cessaram. As experiências foram repetidas várias vezes, e em cada uma delas o médium era sempre encontrado no mesmo estado. Esta foi a primeira série de manifestações.

“Novamente a luz foi retirada, os assistentes cantaram por alguns momentos, mas, ao ser aquela trazida de volta, constatou-se que o médium estava sempre amarrado à sua cadeira. Puseram uma campainha sobre a mesa e, tendo sido feita a obscuridade, ela começou a bater na mesa, na corneta e no assoalho; foi retirada da mesa e começou a tocar muito forte, parecendo percorrer um arco de cinco a seis pés a cada badalada. Durante esse tempo, o médium exclamava: *Estou aqui; estou aqui*, para mostrar que se achava sempre no mesmo lugar.

“Com fósforo, fizeram no violino uma grande marca brilhante. A luz foi retirada e logo se viu, pelo traço fosforescente, o violino elevar-se a seis ou sete pés e fazer rápidas evoluções no ar. Podia-se também acompanhá-lo pelo ouvido, porquanto as cordas vibravam no vô. Enquanto o violino flutuava, o médium exclamava: *Estou aqui; estou aqui.*”

“Um membro do grupo pôs um vaso sobre a mesa, com água pela metade, e um pedaço de papel entre os lábios do médium. Levaram a luz e cantaram por alguns momentos. Trazida de volta a luz, o vaso estava vazio, sem nenhum sinal de água, nem sobre a mesa, nem no chão; o médium sempre em seu lugar e o papel seco entre os seus lábios. Isto terminou a segunda série de experiências.

“A Sra. Spence sentou-se em frente ao médium. Um senhor acomodou-se entre os dois, pondo o pé direito sobre o daquela senhora, a mão direita na cabeça do médium e a esquerda na cabeça da Sra. Spence. O médium pegou o braço direito do senhor com ambas as mãos, e a Sra. Spence fez o mesmo com o braço esquerdo. Quando a luz foi retirada, o senhor sentiu distintamente os dedos de uma mão passando sobre o seu rosto e lhe puxar o nariz; recebeu uma bofetada, ouvida pelos assistentes e o violino golpeou-lhe a cabeça, igualmente ouvido pelas outras pessoas. Cada um repetiu a experiência e sentiu os mesmos efeitos. Com isto termina a terceira série e certificamos que nada disto poderia ter sido produzido pelo Sr. Fay, nem por nenhuma outra pessoa do grupo.”

*Charles Patridge, R. T. Hallock, Sra. Sarah P. Clark,
Sra. Mary S. Hallock, Sra. Amanda, Sr. Spence, Srta. Alla Britt,
William Blondel, William P. Coles, W. B. Hallock, B. Franklin
Clark, Peyton Spence.*

Observação – Não contestamos a possibilidade de todas essas coisas, nem temos o menor motivo para duvidar da honorabilidade dos signatários, embora não os conheçamos. Todavia, mantemos as reflexões que fizemos em nosso último número, a propósito dos dois artigos sobre *Os desenhos misteriosos* e a *Exploração do Espiritismo*.

Diz-se que na América essa exploração nada tem que choque a opinião pública e acham muito natural que os médiuns se façam pagar. Isto é compreensível, de acordo com os hábitos de um país onde *time is money*; mas nem por isso deixaremos de repetir o que dissemos num outro artigo: o desinteresse absoluto é uma garantia ainda melhor que todas as precauções materiais. Se nossos escritos têm contribuído, na França e em outros países, para desacreditar a mediunidade interesseira, cremos que isto não será um dos menores serviços que terão prestado ao Espiritismo sério. Estas reflexões gerais de modo algum foram feitas tendo em vista o Sr. Fay, cuja posição perante o público desconhecemos.

A. K.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

DOM PEYRA, PRIOR DE AMILLY

Esta evocação foi feita o ano passado, na Sociedade, a pedido do Sr. Borreau, de Niort, que nos havia encaminhado a seguinte notícia:

“Há cerca de trinta anos, tínhamos no priorado de Amilly, muito perto de Mauzé, um sacerdote chamado Dom Peyra, o qual deixou na região uma reputação de feiticeiro. De fato ele se ocupava constantemente de ciências ocultas. Conta-se dele coisas que parecem fabulosas, mas que, segundo a ciência espírita, bem poderiam ter sua razão de ser. Há mais ou menos doze anos, ao fazer com uma sonâmbula experiências muito interessantes,

achei-me em relação com seu Espírito. Ele se apresentou como um auxiliar, com o qual não podíamos deixar de ter êxito; entretanto fracassamos. Depois, em pesquisas da mesma natureza, fui levado a crer que esse Espírito deveria ter-se interessado por isso. Se não for abusar de vossa benevolência, venho pedir que o evoqueis e lhe seja perguntado quais foram e quais são suas relações comigo. Partindo daí, talvez um dia eu tenha coisas interessantes a vos comunicar.”

(Primeira conversa – 13 de janeiro de 1860)

1. Evocação.

Resp. – Aqui estou.

2. De onde procedia a reputação de feiticeiro que tínheis em vida?

Resp. – Fofocas de comadres; eu estudava Química.

3. Qual o motivo que vos levou a entrar em contato com o Sr. Borreau, de Niort?

Resp. – O desejo de me distrair um pouco, a propósito do poder que ele julgava que eu tivesse.

4. Diz ele que vos apresentastes como um auxiliar em suas pesquisas. Poderíeis dizer-nos qual era a natureza dessas pesquisas?

Resp. – Não sou bastante indiscreto para trair um segredo que ele não julgou por bem vos revelar. Vossa pergunta me ofende.

5. Não queremos insistir, mas vos faremos notar que poderíeis ter respondido de modo mais conveniente a pessoas que vos interrogam seriamente e com benevolência. Vossa linguagem não é a de um Espírito adiantado.

Resp. – Sou o que sempre fui.

6. De que natureza são as coisas fabulosas que contam sobre vós?

Resp. – Como já vos disse, são fofocas. Eu conhecia a opinião que tinham de mim e, longe de tentar abafá-la, fazia o que era preciso para a favorecer.

7. Conforme a resposta precedente, parece que não progredistes após a morte.

Resp. – A bem da verdade, não procurei fazê-lo, pois não conhecia os meios. Todavia, creio que deve haver algo a fazer; há pouco pensei nisto.

8. Vossa linguagem nos surpreende, vinda da parte de um Espírito que em vida era sacerdote e que, por isto mesmo, devia ter idéias de certa elevação.

Resp. – Acredito que eu fosse muito pouco instruído.

9. Tende a gentileza de desenvolver o vosso pensamento.

Resp. – Pouco instruído para *crer*, mas bastante para *saber*.

10. Então não éreis o que se chama um bom padre?

Resp. – Oh! não!

11. Quais as vossas ocupações como Espírito?

Resp. – Sempre a Química. Creio que teria feito melhor se procurasse Deus, em vez da matéria.

12. Como pode um Espírito ocupar-se de Química?

Resp. – Oh! permiti-me dizer que a questão é pueril; acaso terei necessidade de microscópio ou de alambique para estudar as propriedades da matéria, que sabeis tão penetrável ao Espírito?

13. Sois feliz como Espírito?

Resp. – Palavra de honra! não. Creio que vos disse ter enveredado por falsa rota e vou mudá-la, sobretudo se for bastante venturoso para ser auxiliado; principalmente eu, que tive de rezar tanto pelos outros, o que, confesso, nem sempre fiz pelo dinheiro recebido; se, digo eu, não me quiserem aplicar a pena de talião.

14. Agradecemos por terdes vindo e faremos por vós o que não fizestes pelos outros.

Resp. – Valeis mais do que eu.

(Segunda conversa – 25 de junho de 1861)

Tendo o Sr. Borreau, por nosso intermédio, dirigido novas perguntas ao Espírito Dom Peyra, este foi evocado novamente, por outro mediano e deu as seguintes respostas, das quais se podem extrair úteis lições, quer como estudo das individualidades do mundo espírita, quer como ensinamento geral.

15. Evocação.

Resp. – Que quereis comigo e por que me incomodais?

16. Foi o Sr. Borreau, de Niort, que nos pediu para vos dirigir algumas perguntas.

Resp. – Que quer ainda de mim? Não está contente por me perturbar em Niort? Por que é necessário que me evoquem em Paris, onde nada me atrai? Bem gostaria que ele tivesse a idéia de me deixar em paz. Ele me chama, evoca-me e me põe em contato com sonâmbulos. Faz-me evocar por terceiros. Esse senhor é muito enfadonho.

17. Contudo deveis lembrar-vos de que já vos evocamos e que respondestes de maneira mais cortês que hoje; e até havíamos prometido orar por vós.

Resp. – Lembro-me muito bem; mas prometer e fazer são coisas diferentes. De fato, orastes; mas, e os outros?

18. Certamente os outros também oraram. Enfim, quereis responder às perguntas do Sr. Borreau?

Resp. – Garanto-vos que, por ele, não tenho a mínima vontade de o satisfazer, porque está sempre em minhas costas. Perdoai a expressão, mas ela é verdadeira, tanto mais quanto entre mim e ele não existe nenhuma afinidade; mas, para vós, que piedosamente chamastes sobre mim a misericórdia do Alto, quero responder o melhor que puder.

19. Dizíeis há pouco que vos incomodavam. Poderíeis dar-nos uma explicação a respeito, para nossa instrução pessoal?

Resp. – Digo ser incomodado no sentido que chamastes a minha atenção e o meu pensamento para junto de vós, ocupando-vos de mim e vi que teria de responder ao que me perguntásseis, fosse ainda por polidez. Explico-me mal; meu pensamento estava alhures, em meus estudos, minha ocupação habitual. Vossa evocação forçosamente atraiu-me a atenção sobre vós, sobre as coisas terrenas. Conseqüentemente, como não estava em meus propósitos ocupar-me de vós e da Terra, incomodaste-me.

Observação – Os Espíritos são mais ou menos comunicativos e comparecem mais ou menos de boa vontade, conforme seu caráter. Mas podemos estar certos de que, como os homens sérios, não gostam dos que os importunam sem necessidade. Quanto aos Espíritos levianos, é diferente: estão sempre dispostos a intrometer-se em tudo, mesmo quando não são chamados.

20. Quando vos pusestes em contato com o Sr. Borreau, conhecíeis suas crenças na possibilidade de fazer triunfar suas convicções pela realização de um grande fato, ante o qual a incredulidade fosse forçada a inclinar-se?

Resp. – O Sr. Borreau queria que eu o servisse numa operação meio magnética, meio espírita. Mas ele não tem estatura para levar a bom termo semelhante obra e julguei que não devia conceder-lhe o meu concurso por mais tempo. Aliás, eu o teria feito, se pudesse. A hora, para isso, não havia chegado e ainda está por chegar.

21. Poderíeis ver e dizer-lhe quais as causas, durante suas pesquisas na Vendéia, que foram responsáveis pelo seu fracasso, derrubando-o, e a sua sonâmbula, e mais duas outras pessoas presentes?

Resp. – Minha resposta precedente pode aplicar-se a esta pergunta. O Sr. Borreau foi derrubado pelos Espíritos, que lhe quiseram dar uma lição e ensinar-lhe a não procurar o que deve permanecer oculto. Fui eu quem os empurrou, com o fluido do próprio magnetizador.

Observação – Esta explicação concorda perfeitamente com a teoria que foi dada, das manifestações físicas. Não foi com as mãos que os Espíritos os empurraram, mas com o próprio fluido animado das pessoas, combinado com o do Espírito. A dissertação que oferecemos mais adiante, sobre os transportes de objetos, contém, a respeito, desenvolvimentos do mais alto interesse. Uma comparação que talvez tivesse alguma analogia parece justificar a expressão do Espírito.

Quando um corpo, carregado de eletricidade positiva, se aproxima de uma pessoa, esta se carrega de eletricidade contrária; a tensão cresce até a distância explosiva; nesse ponto os dois fluidos se reúnem violentamente pela fagulha e a pessoa recebe um choque que, conforme a massa de fluido, pode derrubá-la e mesmo fulminá-la. Nesse fenômeno é sempre necessário que a pessoa forneça seu contingente de fluido. Se supuséssemos que o corpo eletrizado positivamente fosse um ser inteligente, atuando por sua vontade e dando-se conta da operação, dir-se-ia que combinou uma parte do fluido da pessoa com o seu. No caso do Sr. Borreau, talvez as coisas não se tenham passado exatamente assim, mas compreende-se que possa haver um efeito análogo, e que Dom Peyra foi lógico dizendo que a empurrou com seu próprio fluido. Compreender-se-á melhor ainda se se reportarem ao que está dito em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*, sobre o fluido universal, que é o princípio do fluido vital, do fluido elétrico e do fluido magnético animal.³¹

22. Ele diz ter feito, durante suas longas e dramáticas experiências, descobertas muito mais surpreendentes para ele, do que a solução que buscava. Vós as conheceis?

31 **N. do T.:** *O Livro dos Espíritos* – perguntas 27, 27-a, 29, 65 e 94; *O Livro dos Médiuns* – 1ª parte: capítulo I; capítulo IV, itens 74, 75, 77, 79 e 81; *A Gênese* – capítulo XIV [Não foi citada por Kardec porque somente publicada em 1868].

Resp. – Sim, mas há algo que ele não descobriu: é que os Espíritos não têm por missão auxiliar os homens em pesquisas semelhantes à que ele fazia. Se o pudessem, Deus nada poderia ter ocultado, e os homens negligenciariam o trabalho e o exercício de suas faculdades para correr, este em busca de um tesouro, aquele de uma invenção, pedindo aos Espíritos lhes servirem tudo isto ainda quente, de tal maneira que não bastará senão curvar-se para colher a glória e a fortuna. Na verdade, teríamos muito a fazer se tivéssemos de contentar a ambição de todo o mundo. Vedes, assim, quanta desordem no mundo dos Espíritos pela crença universal no Espiritismo? Seríamos chamados a torto e a direito: aqui para escavar a terra e enriquecer um preguiçoso; ali para poupar a um imbecil o trabalho de resolver um problema; acolá para aquecer o forno de um químico e, em toda parte, para descobrir a pedra filosofal. A mais bela descoberta que o Sr. Borreau deveria ter feito é a de saber que sempre há Espíritos que se divertem em provocar miragens de minas de ouro, mesmo aos olhos do mais clarividente sonâmbulo, fazendo-as aparecer onde não estão e rindo-se à vossa custa quando imaginais deitar a mão no tesouro, e isto para vos ensinar que a sabedoria e o trabalho são os verdadeiros tesouros.

23. O objetivo das pesquisas do Sr. Borreau era um tesouro?

Resp. – Creio já ter dito, quando me chamastes a primeira vez, que não sou indiscreto. Se ele julgou conveniente não vos dizer, não me compete fazê-lo.

Observação – Vê-se que o Espírito é discreto; aliás, é uma qualidade geralmente encontrada em todos eles, até mesmo nos Espíritos pouco adiantados, de onde se pode concluir que, se um Espírito fizesse revelações indiscretas sobre alguém, com toda probabilidade seria para se divertir e seria erro levá-los a sério.

24. Poderíeis dar-lhe algumas explicações sobre a mão invisível que, por muito tempo, traçou numerosos escritos, que ele encontrava nas folhas do caderno, posto de propósito para os receber?

Resp. – Quanto aos escritos, não são dos Espíritos; mais tarde ele lhes conhecerá a origem, mas não devo dizê-lo no momento. Os Espíritos podem tê-los provocado com o fim a que já me referi antes, mas – repito – nada têm a ver com eles.

Observação – Embora estas duas conversas tenham ocorrido dezoito meses uma da outra e por médiuns diferentes, reconhece-se nelas um encadeamento, uma seqüência e uma similitude de linguagem que não permitem duvidar tenha sido o mesmo Espírito que as respondeu. A propósito da identidade, esta ressalta da carta seguinte, que nos escreveu o Sr. Borreau, após a remessa da segunda evocação.

“18 de julho de 1861.

“Senhor,

“Venho agradecer-vos o trabalho que tivestes e a presteza em me remeter a última evocação de Dom Peyra. Como dizeis, o Espírito do antigo prior não estava de bom humor, ao exprimir, energicamente, a impaciência que lhe causou essa nova diligência. Daí resulta, senhor, um grande ensinamento: os Espíritos que fazem o jogo malévolo de nos atormentar podem, por sua vez, ser pagos por nós com a mesma moeda.

“Ah! senhores de além-túmulo! – e aqui não me refiro senão aos Espíritos farsistas e levianos – sem dúvida vos deleitaríeis com o privilégio exclusivo de nos importunar. E eis que um pobre Espírito terreno, muito pacífico, simplesmente pondo-se em guarda contra vossas manobras e procurando frustrá-las, vos atormenta a ponto de o sentirdes penosamente sobre o vosso dorso fluídico! Ora! que direi, então, meu caro prior, quando confessais ter feito parte da turba espírita que tão cruelmente me obsidiou e pregou tantas peças durante minhas excursões na Vendéia? Se é verdade que vos metestes nisto, devíeis saber que não as empreendi senão com o objetivo de fazer triunfar a verdade por fatos irrefutáveis. Era uma grande ambição, sem dúvida, mas era honesta, ao que me

parece; apenas, como dizeis, eu não tinha porte para lutar e vós e os vossos nos abalaram, de tal sorte que nos vimos obrigados a abandonar a partida, carregando nossos mortos, porquanto vossas manobras fantásticas, que desencadearam terrível luta, acabaram aniquilando minha pobre sonâmbula que, num desfalecimento que não durou menos de seis horas, não mais dava nenhum sinal de vida e nós já a julgávamos morta. Talvez nossa posição seja mais fácil de compreender do que descrever, se se pensar que era meia-noite e que estávamos em campos ensangüentados pelas guerras da Vendéia, região de aspecto selvagem, cercada de colinas desprovidas de vegetação, cujos ecos vinham repetir os gritos lancinantes das vítimas. Meu pavor atingira o cúmulo, pensando na terrível responsabilidade que caía sobre mim e da qual não sabia como escapar... Eu estava desvairado! Só a prece poderia salvar-me; ela me salvou. Se a isto chamais lições, haveis de convir que são rudes! Provavelmente, era ainda para me dar uma dessas lições que, um ano mais tarde, me chamáveis a Mauzé; mas, então, eu estava mais instruído e já sabia a quem me dirigir quanto à existência dos Espíritos e quanto aos atos e gestos de muitos deles. Aliás, a cena não estava mais preparada para um drama, como em Châtillon; assim, eu estava livre para uma escaramuça.

“Perdão, senhor, se me deixei arrastar com o prior. Retorno a vós para vos ocupar ainda, se vos dignardes permiti-lo. Há poucos dias fui à casa de um homem muito honrado, que o conheceu bastante na juventude e lhe comuniquei sobre a evocação que me remetestes. Ele reconheceu perfeitamente a linguagem, o estilo e o espírito cáustico do antigo prior e contou-me os fatos seguintes:

“Vendo-se forçado a abandonar o priorado de Surgères em consequência da Revolução, Dom Peyra comprou a pequena propriedade de Amilly, perto de Mauzé, onde fixou residência. Ali ele se tornou conhecido pelas belas curas obtidas por intermédio do magnetismo e da eletricidade, que empregava com sucesso. Vendo, porém, que os negócios não iam tão bem quanto desejava, empregou o charlatanismo e, auxiliado por sua máquina elétrica,

praticou magias, não tardando a fazer-se passar por feiticeiro. Longe de combater tal opinião, ele a provocava e estimulava. Havia em Amilly uma longa alameda arborizada, por onde chegavam os clientes, vindos muitas vezes de dez a quinze léguas. Sua máquina era posta em comunicação com o malhete da porta, e quando os pobres camponeses queriam bater, sentiam-se como que fulminados. É fácil imaginar o que semelhantes fatos deviam produzir em criaturas pouco esclarecidas, sobretudo naquela época.

“Temos um provérbio que diz: ‘não se deve vender a pele do lobo antes de o matar.’ Ai! bem vejo que temos de mudar mais de uma vez antes que os nossos maus instintos nos abandonem. Entretanto, senhor, não concluais que eu deseje mal ao prior. Não; e a prova de tudo isto é que, seguindo o vosso exemplo, orei por ele, o que confesso, como ele vos disse, não ter feito até então.

“Aceitai.

J.-B. Borreau”

Notar-se-á que esta carta é de 18 de julho de 1861, enquanto a primeira evocação remonta ao mês de janeiro de 1860. Naquela época não conhecíamos todas as particularidades da vida de Dom Peyra, com as quais suas respostas concordam perfeitamente, pois diz que fazia o que era possível para corroborar sua reputação de feiticeiro.

O que aconteceu ao Sr. Borreau tem uma singular analogia com os golpes baixos que, em vida, Dom Peyra aplicava aos visitantes. E nos inclinaríamos muito a crer que este último quis repeti-las. Ora, para isso não havia necessidade de máquina elétrica, já que dispunha da grande máquina universal. Compreender-se-á a sua possibilidade de associarmos essa idéia à observação que fizemos acima, na pergunta 21. O Sr. Borreau encontra uma espécie de compensação às malícias de certos Espíritos nos aborrecimentos que lhes podemos causar. Todavia, nós o aconselhamos a não se fiar muito, porque eles têm mais meio de

escapar à nossa influência do que nós de nos subtrairmos à deles. Quanto ao mais, é evidente que, se na época o Sr. Borreau conhecesse a fundo o Espiritismo, por certo teria sabido o que era razoável pedir aos Espíritos e não se teria aventurado em tentativas que a Ciência demonstraria não conduzir senão a uma mistificação. Não é o primeiro a pagar pelas conseqüências de sua imprevidência. Eis por que não cessamos de repetir: Estudai primeiro a teoria; ela vos ensinará todas as dificuldades da prática; assim, evitareis experiências das quais vos sentireis felizes em delas sair apenas com alguns dissabores. Diz ele que sua intenção era boa, pois queria provar por um grande fato a veracidade do Espiritismo. Mas, em casos semelhantes, os Espíritos dão as provas que querem e quando querem, e jamais quando se lhas pedem. Conhecemos pessoas que também queriam dar essas provas irrecusáveis através da descoberta de fortunas colossais, por intermédio dos Espíritos; mas o que lhes resultou de mais claro foi gastar o seu dinheiro. Acrescentaremos, até, que provas semelhantes, se por acaso dessem resultado, seriam muito mais prejudiciais que úteis, porque falseariam a opinião sobre o objetivo do Espiritismo, validando a crença de que ele pode servir de meio de adivinhação; só então se justificaria a resposta de Dom Peyra à pergunta 22.

Correspondência

CARTA DO SR. MATEUS SOBRE OS MÉDIUNS TRAPACEIROS³²

“Paris, 21 de julho de 1861.

“Senhor,

“Pode-se estar em desacordo sobre certos pontos e de perfeito acordo sobre outros. Acabo de ler, na página 213 do último número do vosso jornal, algumas reflexões acerca da fraude

32 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns* – 2ª parte, capítulo XXVIII, item 317.

em matéria de experiências espiritualistas (ou espíritas), às quais tenho a satisfação de me associar com todas as minhas forças. Ai, quaisquer dissidências a propósito de teorias e doutrinas desaparecem como por encanto.

“Não sou talvez tão severo quanto o sois, com relação aos médiuns que, sob forma digna e decente, aceitam uma paga, como indenização do tempo que consagram a experiências muitas vezes longas e fatigantes. Sou, porém, tanto quanto o sois – e ninguém o seria mais – com relação aos que, em tal caso, suprem, quando se lhes oferece ocasião, pelo embuste e pela fraude, a falta ou a insuficiência dos resultados prometidos e esperados.

“Misturar o falso com o verdadeiro, quando se trata de fenômenos obtidos pela intervenção dos Espíritos, é simplesmente uma infâmia e haveria obliteração do senso moral no médium que julgasse poder fazê-lo sem escrúpulo. Conforme o observastes com perfeita exatidão – *é lançar a coisa em descrédito no espírito dos indecisos, desde que a fraude seja reconhecida.* Acrescentarei que é comprometer do modo mais deplorável os homens honrados, que prestam aos médiuns o apoio desinteressado de seus conhecimentos e de suas luzes, que se constituem fiadores da boa-fé que neles deve existir e os patrocinam de alguma forma. É cometer para com eles uma verdadeira prevaricação.

“Todo médium que fosse apanhado em manobras fraudulentas; que fosse apanhado, para me servir de uma expressão um tanto trivial, com a boca na botija, mereceria ser proscrito por todos os espiritualistas ou espíritas do mundo, para os quais constituiria rigoroso dever desmascará-los ou infamá-los.

“Se vos convier, Senhor, inserir estas breves linhas no vosso jornal, ficam elas à vossa disposição.

“Aceitai, etc.

Mathieu”

Não esperávamos menos dos sentimentos honrados que distinguem o Sr. Mathieu, senão esta enérgica reprovação, pronunciada contra os médiuns de má-fé. Teríamos ficado surpresos, ao contrário, se ele tivesse encarado com frieza e indiferença tais abusos de confiança. Eles podiam ser mais fáceis, quando o Espiritismo era menos conhecido; mas, à medida que esta ciência se espalha e é mais bem compreendida, que melhor se conhecem as verdadeiras condições em que os fenômenos podem produzir-se, por toda parte encontram-se olhos clarividentes, capazes de descobrir a fraude. Assinalá-la, onde quer que ela se mostre, é o melhor meio de a desencorajar.

Disseram que era preferível não desvendar essas torpezas, no próprio interesse do Espiritismo; que a possibilidade de enganar poderia aumentar a desconfiança dos indecisos. Não somos desta opinião e pensamos que mais vale que os indecisos sejam desconfiados do que enganados, porque, desde que soubessem tê-lo sido, poderiam afastar-se para sempre. Aliás, haveria um inconveniente ainda maior aos que cressem que os espíritas se deixam iludir facilmente. Ao contrário, estarão tanto mais dispostos a crer quanto mais virem os crentes cercar-se de maiores precauções e repudiar os médiuns susceptíveis de enganar.

O Sr. Mathieu diz que talvez não seja tão severo, quanto nós, em relação aos médiuns que, sob forma digna e decente, aceitam uma paga, como indenização do tempo que consagram à matéria. Estamos perfeitamente de acordo que pode e deve haver honrosas exceções, mas, como o atrativo do ganho é uma grande tentação e os iniciantes não têm a necessária experiência para distinguir o verdadeiro do falso, mantemos nossa opinião de que a melhor garantia de sinceridade está no desinteresse absoluto, porque onde não há nada a ganhar, o charlatanismo nada tem a fazer. Aquele que paga quer alguma coisa por seu dinheiro e não se contentaria se lhe dissessem que o Espírito não quer agir. Daí a descoberta dos meios de fazer o Espírito atuar a qualquer preço,

não há senão um passo, conforme o provérbio: *quem não tem cão caça com gato*. Acrescentamos que os médiuns ganhariam cem vezes mais em consideração o que deixassem de ganhar em proveitos materiais. Diz-se que a consideração não faz viver. É verdade que não basta, mas, para viver, há outros ofícios mais honestos do que a exploração das almas dos mortos.

Dissertações e Ensinos Espíritas

DA INFLUÊNCIA MORAL DOS MÉDIUNS NAS COMUNICAÇÕES³³

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sr. d'Ambel)

Já o dissemos: apenas como tais, os médiuns só muito secundária influência exercem nas comunicações dos Espíritos; o papel deles é o de uma máquina elétrica, que transmite os despachos telegráficos, de um ponto da Terra a outro ponto distante. Assim, quando queremos ditar uma comunicação, agimos sobre o médium, como o empregado do telégrafo sobre o aparelho, isto é, do mesmo modo que o *tique-taque* do telégrafo traça, a milhares de léguas, sobre uma tira de papel, os sinais reprodutores do despacho, também nós comunicamos, por meio do aparelho mediúnico, através das distâncias incomensuráveis que separam o mundo visível do mundo invisível, o mundo imaterial do mundo carnal, o que vos queremos ensinar. Mas, assim como as influências atmosféricas atuam, perturbando, muitas vezes, as transmissões do telégrafo elétrico, igualmente a influência moral do médium atua e perturba, às vezes, a transmissão dos nossos despachos de além-túmulo, porque somos obrigados a fazê-los passar por um meio que lhes é contrário. Entretanto, essa influência, amiúde, se anula, pela nossa energia e vontade, e nenhum ato perturbador se manifesta. Com efeito, os ditados de alto alcance filosófico, as comunicações de perfeita moralidade são transmitidas frequentemente por médiuns impróprios a esses ensinamentos superiores;

33 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns* – 2ª parte, capítulo XX, item 230.

enquanto que, por outro lado, comunicações pouco edificantes chegam também, algumas vezes, por médiuns que se envergonham de lhes haverem servido de condutores.

Em tese geral, pode afirmar-se que os Espíritos atraem Espíritos que lhes são similares e que raramente os Espíritos das plêiades elevadas se comunicam por aparelhos maus condutores, quando têm à mão bons aparelhos mediúnicos, bons médiuns, numa palavra.

Os médiuns levianos e pouco sérios atraem, pois, Espíritos da mesma natureza; por isso é que suas comunicações se mostram cheias de banalidades, frivolidades, idéias truncadas e, não raro, muito heterodoxas, espiriticamente falando. É certo que eles podem dizer, e às vezes dizem, coisas aproveitáveis; mas, nesse caso, principalmente, é que um exame severo e escrupuloso se faz necessário, porquanto, em meio a coisas aproveitáveis, Espíritos hipócritas insinuam, com habilidade e preconcebida perfídia, fatos de pura invencionice, asserções mentirosas, a fim de iludir a boa-fé dos que lhes dispensam atenção. Devem riscar-se, então, sem piedade, toda palavra, toda frase equívoca e só conservar do ditado o que a lógica possa aceitar, ou o que a Doutrina já ensinou. As comunicações desta natureza só são de temer para os espíritas que trabalham isolados, para os grupos novos, ou pouco esclarecidos, visto que, nas reuniões onde os adeptos estão adiantados e já adquiriram experiências, a gralha perde o seu tempo a se adornar com as penas do pavão: acaba sempre impiedosamente desmascarada.

Não falarei dos médiuns que se comprazem em solicitar e receber comunicações obscenas. Deixemos se deleitem na companhia dos Espíritos cínicos. Aliás, os autores das comunicações desta ordem buscam, por si mesmos, a solidão e o isolamento, porquanto só desprezo e nojo poderão causar entre os membros dos grupos filosóficos e sérios. Onde, porém, a

influência moral do médium se faz realmente sentir, é quando ele substitui, pelas que lhe são pessoais, as idéias que os Espíritos se esforçam por lhe sugerir e também quando tira da sua imaginação teorias fantásticas que, de boa-fé, julga resultarem de uma comunicação intuitiva. É de apostar-se então mil contra um que isso não passa de reflexo do próprio Espírito do médium. Dá-se mesmo o fato curioso de mover-se a mão do médium, quase mecanicamente às vezes, impelida por um Espírito secundário e zombeteiro. É essa a pedra de toque contra a qual vêm quebrar-se as imaginações ardentes, por isso que, arrebatados pelo ímpeto de suas próprias idéias, pelas lentejoulas de seus conhecimentos literários, os médiuns desconhecem o ditado modesto de um Espírito criterioso e, abandonando a presa pela sombra, o substituem por uma paráfrase empolada. Contra este escolho terrível vêm igualmente chocar-se as personalidades ambiciosas que, em falta das comunicações que os Espíritos bons lhes recusam, apresentam suas próprias obras como sendo desses Espíritos. Daí a necessidade de serem, os diretores dos grupos espíritas, dotados de fino tato, de rara sagacidade, para discernir as comunicações autênticas das que não o são e para não ferir os que se iludem a si mesmos.

Na dúvida, abstém-te, diz um dos vossos velhos provérbios. Não admitais, portanto, senão o que seja, aos vossos olhos, de manifesta evidência. Desde que uma opinião nova venha a ser expendida, por pouco que vos pareça duvidosa, fazei-a passar pelo crisol da razão e da lógica e rejeitai desassombradamente o que a razão e o bom-senso reprovarem. Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea. Efetivamente, sobre essa teoria poderíeis edificar um sistema completo, que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre areia movediça, ao passo que, se rejeitardes hoje algumas verdades, porque não vos são demonstradas clara e logicamente, mais tarde um fato brutal, ou uma demonstração irrefutável virá afirmar-vos a sua autenticidade.

Lembraí-vos, no entanto, ó espíritas! de que, para Deus e para os Espíritos bons, só há um impossível: a injustiça e a iniquidade.

O Espiritismo já está bastante espalhado entre os homens e já moralizou suficientemente os adeptos sinceros da sua santa doutrina, para que os Espíritos já não se vejam constrangidos a usar de maus instrumentos, de médiuns imperfeitos. Se, pois, agora, um médium, qualquer que ele seja, se tornar objeto de legítima suspeição, pelo seu proceder, pelos seus costumes, pelo seu orgulho, pela sua falta de amor e de caridade, repeli, repeli suas comunicações, porquanto aí estará uma serpente oculta entre as ervas. É esta a conclusão a que chego sobre a influência moral dos médiuns.

Erasto

DOS TRANSPORTES E OUTROS FENÔMENOS TANGÍVEIS³⁴

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sr. d'Ambel)

Quem deseja obter fenômeno desta ordem precisa ter consigo médiuns a que chamarei – *sensitivos*, isto é, dotados, no mais alto grau, das faculdades mediúnicas de expansão e de penetrabilidade, porque o sistema nervoso facilmente excitável de tais médiuns lhes permite, por meio de certas vibrações, projetar abundantemente, em torno de si, o fluído animalizado que lhes é próprio.

As naturezas impressionáveis, as pessoas cujos nervos vibram à menor impressão, à mais insignificante sensação; as que a influência moral ou física, interna ou externa, sensibiliza são muito aptas a se tornarem excelentes médiuns, para os efeitos físicos de tangibilidade e de transportes. Efetivamente, quase de todo desprovido do invólucro refratário, que, na maioria dos outros encarnados, o isola, o sistema nervoso dessas pessoas as capacita para a produção destes diversos fenômenos. Assim, com

34 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo V, item 98.

um indivíduo de tal natureza e cujas outras faculdades não sejam hostis à *mediunidade*, facilmente se obterão os fenômenos de tangibilidade, as pancadas nas paredes e nos móveis, os movimentos *inteligentes* e mesmo a suspensão, no espaço, da mais pesada matéria inerte. *A fortiori*, os mesmos resultados se conseguirão se, em vez de um médium, o experimentador dispuser de muitos, igualmente bem dotados.

Mas, da produção de tais fenômenos à obtenção dos de transporte há um mundo de permeio, porquanto, neste caso, não só o trabalho do Espírito é mais complexo, mais difícil, como, sobretudo, ele não pode operar, senão por meio de um único aparelho mediúnico, isto é, muitos médiuns não podem concorrer simultaneamente para a produção do mesmo fenômeno. Sucede até que, ao contrário, a presença de algumas pessoas antipáticas ao Espírito que opera lhe obsta radicalmente a operação. A estes motivos a que, como vedes, não falta importância, acrescentemos que os transportes reclamam sempre maior concentração e, ao mesmo tempo, maior difusão de certos fluidos, que não podem ser obtidos senão com médiuns superiormente dotados, com aqueles, numa palavra, cujo aparelho *eletromediúnico* é o que melhores condições oferece.

Em geral, os fatos de transporte são e continuarão a ser extremamente raros. Não preciso demonstrar por que são e serão menos freqüentes do que os outros fenômenos de tangibilidade; do que digo, vós mesmos podeis deduzi-lo. Demais, estes fenômenos são de tal natureza, que nem todos os médiuns servem para produzi-los. Com efeito, é necessário que entre o Espírito e o médium *influenciado* exista certa afinidade, certa analogia: certa semelhança capaz de permitir que a parte expansível do fluido *perispiritico*³⁵ do encarnado se misture, se una, se combine com o do

35 Vê-se que, quando se trata de exprimir uma idéia nova, para a qual faltam termos na língua, os Espíritos sabem perfeitamente criar neologismos. Estas palavras: *eletromediúnico*, *perispiritico*, não são de invenção nossa. Os que nos têm criticado por havermos criado os termos *espírita*, *Espiritismo*, *perispiritico*, que não tinham análogos, poderão fazer também a mesma crítica aos Espíritos.

Espírito que queira fazer um transporte. Deve ser tal essa fusão, que a força resultante dela se torne, por assim dizer, *uma*: do mesmo modo que, atuando sobre o carvão, uma corrente elétrica produz um só foco, uma só claridade.

Por que essa união, essa fusão, perguntareis? É que, para que estes fenômenos se produzam, necessário se faz que as propriedades essenciais do Espírito motor se aumentem com algumas das do médium; é que o *fluido vital*, indispensável à produção de todos os fenômenos mediúnicos, é apanágio *exclusivo* do encarnado e que, por conseguinte, o Espírito operador fica obrigado a se impregnar dele. Só então pode, mediante certas propriedades, que desconheceis, do vosso meio ambiente, isolar, tornar invisíveis e fazer que se movam alguns objetos materiais e mesmo os encarnados.

Não me é permitido, por enquanto, desvendar-vos as leis particulares que governam os gases e os fluidos que vos cercam; mas, antes que alguns anos tenham decorrido, antes que uma existência de homem se tenha esgotado, a explicação destas leis e destes fenômenos vos será revelada e vereis surgir e produzir-se uma variedade nova de médiuns, que agirão num estado cataléptico especial, desde que sejam mediunizados.

Vedes, assim, quantas dificuldades cercam a produção do fenômeno dos transportes. Muito logicamente podeis concluir daí que os fenômenos desta natureza são extremamente raros, e com tanto mais razão, quanto os Espíritos muito pouco se prestam a produzi-los, porque isso dá lugar, da parte deles, a um trabalho quase material, o que lhes acarreta aborrecimento e fadiga. Por outro lado, ocorre também que, freqüentemente, não obstante a energia e a vontade que os animem, o estado do próprio médium lhes opõe intransponível barreira.

Evidente é, pois, e o vosso raciocínio, estou certo, o sancionará, que os fatos de tangibilidade, como pancadas,

suspensão e movimentos, são fenômenos simples, que se operam mediante a concentração e a dilatação de certos fluidos e que podem ser provocados e obtidos pela vontade e pelo trabalho dos médiuns aptos a isso, quando secundados por Espíritos amigos e benevolentes, ao passo que os fatos de transporte são múltiplos, complexos, exigem um concurso de circunstâncias especiais, não se podem operar senão por um único Espírito e um único médium e necessitam, além do que a tangibilidade reclama, uma combinação muito especial, para isolar e tornar invisíveis o objeto, ou os objetos destinados ao transporte.

Todos vós espíritas compreendeis as minhas explicações e perfeitamente apreendeis que seja essa concentração de fluidos especiais, para a locomoção e a tactilidade da matéria inerte. Acreditais nisso, como acreditais nos fenômenos da eletricidade e do magnetismo, com os quais os fatos mediúnicos têm grande analogia e de que são, por assim dizer, a confirmação e o desenvolvimento. Quanto aos incrédulos, não me compete convencê-los e com eles não me ocupo. Convencer-se-ão um dia, por força da evidência, pois que forçoso será se curvem diante do testemunho dos fatos espíritas, como forçoso foi que o fizessem diante de outros fatos, que a princípio repeliram.

Resumindo: os fenômenos de tangibilidade são freqüentes, mas os de transporte são muito raros, porque muito difíceis de se realizar são as condições em que se produzem. Conseqüentemente, nenhum médium pode dizer: a tal hora, em tal momento, obterei um transporte, visto que muitas vezes o próprio Espírito se vê obstado na execução de sua obra. Devo acrescentar que esses fenômenos são duplamente difíceis em público, porque neste quase sempre se encontram elementos energicamente refratários, que paralisam os esforços do Espírito e, com mais forte razão, a ação do médium. Tende, ao contrário, como certo que, na intimidade, os ditos fenômenos se produzem quase sempre espontaneamente, as mais das vezes à revelia dos médiuns e sem

premeditação, sendo muito raros quando esses se acham prevenidos. Deveis deduzir daí que há motivo de suspeição todas as vezes que um médium se lisonjeia de os obter à vontade, ou, por outra, de dar ordens aos Espíritos, como a servos seus, o que é simplesmente absurdo. Tende ainda como regra geral que os fenômenos espíritas não se produzem para constituir espetáculo e para divertir os curiosos. Se alguns Espíritos se prestam a tais coisas, só pode ser para a produção de fenômenos simples, não para os que, como os de transporte e outros semelhantes, exigem condições excepcionais.

Lembrai-vos, espíritas, de que, se é absurdo repelir sistematicamente todos os fenômenos de além-túmulo, também não é de bom aviso aceitá-los todos, cegamente. Quando um fenômeno de tangibilidade, de visibilidade, ou de transporte se opera espontaneamente e de modo instantâneo, aceitai-o. Porém – nunca o repetirei demasiado – não aceiteis coisa alguma às cegas. Seja cada fato submetido a um exame minucioso, aprofundado e severo, porquanto, crede, o Espiritismo, tão rico em fenômenos sublimes e grandiosos, nada tem a ganhar com essas pequenas manifestações, que prestidigitadores hábeis podem imitar.

Bem sei que ides dizer: é que estes são úteis para convencer os incrédulos. Mas, ficai sabendo, se não houvésseis disposto de outros meios de convicção, não contaríeis hoje a centésima parte dos espíritas que existem. Falai ao coração; por aí é que fareis maior número de conversões sérias. Se julgardes conveniente, para certas pessoas, valer-vos dos fatos materiais, ao menos apresentai-os em circunstâncias tais, que não possam permitir nenhuma interpretação falsa e, sobretudo, não vos afasteis das condições normais dos mesmos fatos, porque, apresentados em más condições, eles fornecem argumentos aos incrédulos, em vez de convencê-los.

Erasto

OS ANIMAIS MÉDIUNS^{36, 37}

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sr. d'Ambel)

Explanarei hoje a questão da mediunidade dos animais, levantada e sustentada por um dos vossos mais fervorosos adeptos. Pretende ele, em virtude deste axioma: *Quem pode o mais pode o menos*, que podemos mediunizar os pássaros e os outros animais e servir-nos deles nas nossas comunicações com a espécie humana. É o que chamais, em filosofia, ou, antes, em lógica, pura e simplesmente um sofisma. “Podeis animar, diz ele, a matéria inerte, isto é, uma mesa, uma cadeira, um piano; *a fortiori*, deveis poder animar a matéria já animada e particularmente pássaros.” Pois bem! no estado normal do Espiritismo, não é assim, não pode ser assim.

Primeiramente, entendamo-nos bem acerca dos fatos. Que é um médium? É o ser, é o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, para que estes possam comunicar-se facilmente com os homens: Espíritos encarnados. Por conseguinte, sem médium, não há comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas, de qualquer natureza que seja.

Há um princípio que, estou certo, todos os espíritas admitem, é que os semelhantes atuam com seus semelhantes e como seus semelhantes. Ora, quais são os semelhantes dos Espíritos, senão os Espíritos, encarnados ou não? Será preciso que vo-lo repitamos incessantemente? Pois bem! repeti-lo-ei ainda: o vosso perispírito e o nosso procedem do mesmo meio, são de natureza idêntica, são, numa palavra, semelhantes. Possuem uma propriedade de assimilação mais ou menos desenvolvida, de magnetização mais ou menos vigorosa, que nos permite a nós, Espíritos desencarnados e encarnados, pormo-nos muito pronta e facilmente em comunicação. Enfim, o que é peculiar aos médiuns, o que é da essência mesma da individualidade deles, é uma

36 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo XXII, item 236.

37 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 567.

afinidade especial e, ao mesmo tempo, uma força de expansão particular, que lhes suprimem toda refratariedade e estabelecem, entre eles e nós, uma espécie de corrente, uma espécie de fusão, que nos facilita as comunicações. É, em suma, essa refratariedade da matéria que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade, na maior parte dos que não são médiuns. Acrescentarei que é a essa qualidade refratária que deve ser atribuída a particularidade, que faz que certos indivíduos, não médiuns, transmitam e desenvolvam a mediunidade, pelo simples contato, a médiuns neófitos ou médiuns quase passivos, isto é, desprovidos de certas qualidades mediúnicas.

Os homens se mostram sempre propensos a tudo exagerar; uns – não falo aqui dos materialistas – negam alma aos animais, outros de boa mente lhes atribuem uma, igual, por assim dizer, à nossa. Por que hão de pretender deste modo confundir o perfectível com o imperfectível? Não, não, convencei-vos, o fogo que anima os irracionais, o sopro que os faz agir, mover e falar na linguagem que lhes é própria, não tem, quanto ao presente, nenhuma aptidão para se mesclar, unir, fundir com o sopro divino, a alma etérea, o Espírito em uma palavra, que anima o ser essencialmente perfectível: o homem, o rei da Criação. Ora, não é essa condição fundamental de perfectibilidade o que constitui a superioridade da espécie humana sobre as outras espécies terrestres? Reconheceei, então, que não se pode assimilar ao homem, que só ele é perfectível em si mesmo e nas suas obras, nenhum indivíduo das outras raças que vivem na Terra.

O cão que, pela sua inteligência superior entre os animais, se tornou o amigo e o comensal do homem, será perfectível por si mesmo, por sua iniciativa pessoal? Ninguém ousaria afirmá-lo, porquanto o cão não faz progredir o cão. O que, dentre eles, se mostre mais bem educado, sempre o foi pelo seu dono. Desde que o mundo é mundo, a lontra sempre construiu sua choça em cima d'água, seguindo as mesmas proporções e uma regra invariável; os rouxinóis e as andorinhas jamais construíram os respectivos ninhos

senão do mesmo modo que seus pais o fizeram. Um ninho de pardais de antes do dilúvio, como um ninho de pardais dos tempos modernos, é sempre um ninho de pardais, edificado nas mesmas condições e com o mesmo sistema de entrelaçamento das palhinhas e dos fragmentos apanhados na época dos amores. As abelhas e formigas, que formam pequeninas repúblicas bem administradas, jamais mudaram seus hábitos de abastecimento, sua maneira de proceder, seus costumes, suas produções. A aranha, finalmente, tece a sua teia sempre do mesmo modo.

Por outro lado, se procurardes as cabanas de folhagens e as tendas das primeiras idades do mundo, encontrareis, em lugar de umas e outras, os palácios e os castelos da civilização moderna. Às vestes de peles brutas sucederam os tecidos de ouro e seda. Enfim, a cada passo achais a prova da marcha incessante da Humanidade pela senda do progresso.

Desse progredir constante, invencível, irrecusável, da espécie humana e desse estacionamento indefinido das outras espécies animais, haveis de concluir comigo que, se é certo que existem princípios comuns a tudo o que vive e se move na Terra: o sopro e a matéria, não menos certo é que somente vós, Espíritos encarnados, estais submetidos à inevitável lei do progresso, que vos impele fatalmente para diante e sempre para diante. Deus colocou os animais ao vosso lado como auxiliares, para vos alimentarem, para vos vestirem, para vos secundarem. Deu-lhes uma certa dose de inteligência, porque, para vos ajudarem, precisavam compreender, porém lhes outorgou inteligência apenas proporcionada aos serviços que são chamados a prestar. Mas, em sua sabedoria, não quis que estivessem sujeitos à mesma lei do progresso. Tais como foram criados se conservaram e se conservarão até à extinção de suas raças.

Dizem: os Espíritos mediunizam a matéria inerte e fazem que se movam cadeiras, mesas, pianos. Fazem que se movam,

sim, mediunizam, não! porquanto, mais uma vez o digo, sem médium, nenhum desses fenômenos pode produzir-se. Que há de extraordinário em que, com o auxílio de um ou de muitos médiuns, façamos se mova a matéria inerte, passiva, que, precisamente em virtude da sua passividade, da sua inércia, é apropriada a executar os movimentos e as impulsões que lhe queiramos imprimir? Para isso, precisamos de médiuns, é positivo; mas, não é necessário que o médium esteja presente ou seja *consciente*, pois que podemos atuar com os elementos que ele nos fornece, a seu mau grado e ausente, sobretudo para produzir os fatos de tangibilidade e o de transportes. O nosso envoltório fluídico, mais imponderável e mais sutil do que o mais sutil e o mais imponderável dos vossos gases, com uma propriedade de expansão e de penetrabilidade inapreciável para os vossos sentidos grosseiros e quase inexplicável para vós, unindo-se, casando-se, combinando-se com o envoltório fluídico, porém animalizado, do médium, nos permite imprimir movimento a móveis quaisquer e até quebrá-los em aposentos desabitados.

É certo que os Espíritos podem tornar-se visíveis e tangíveis aos animais e, muitas vezes, o terror súbito que eles denotam, sem que lhe percebais a causa, é determinado pela visão de um ou de muitos Espíritos, mal-intencionados com relação aos indivíduos presentes, ou com relação aos donos dos animais. Ainda com mais freqüência vedes cavalos que se negam a avançar ou a recuar, ou que empinam diante de um obstáculo imaginário. Pois bem! tende como certo que o obstáculo imaginário é quase sempre um Espírito ou um grupo de Espíritos que se comprazem em impedi-los de mover-se. Lembrai-vos da mula de Balaão que, vendo um anjo diante de si e temendo-lhe a espada flamejante, se obstinava em não dar um passo. É que, antes de se manifestar visivelmente a Balaão, o anjo quisera tornar-se visível somente para o animal. Mas, repito, não mediunizamos diretamente nem os animais, nem a matéria inerte. É-nos sempre necessário o concurso consciente, ou inconsciente, de um médium humano, porque

precisamos da união de fluidos similares, o que não achamos nem nos animais, nem na matéria bruta.

O Sr. Thiry, diz-se, magnetizou o seu cão. A que resultado chegou? Matou-o, porquanto o infeliz animal morreu, depois de haver caído numa espécie de atonia, de langor, conseqüentes à sua magnetização. Com efeito, saturando-o de um fluido haurido numa essência superior à essência especial da sua natureza de cão, ele o esmagou, agindo sobre o animal à semelhança do raio, ainda que mais lentamente. Assim, pois, como não há assimilação possível entre o nosso perispírito e o envoltório fluídico dos animais, propriamente ditos, aniquilá-los-íamos instantaneamente, se os mediunizássemos.

Isto posto, reconheço perfeitamente que há nos animais aptidões diversas; que certos sentimentos, certas paixões, idênticas às paixões e aos sentimentos humanos, se desenvolvem neles; que são sensíveis e reconhecidos, vingativos e odientos, conforme se procede bem ou mal com eles. É que Deus, que nada fez incompleto, deu aos animais, companheiros ou servidores do homem, qualidades de sociabilidade, que faltam inteiramente aos animais selvagens, habitantes das solidões.

Resumindo: os fatos mediúnicos não podem dar-se sem o concurso consciente, ou inconsciente, dos médiuns; e somente entre os encarnados, Espíritos como nós, podemos encontrar os que nos sirvam de médiuns. Quanto a educar cães, pássaros, ou outros animais, para fazerem tais ou tais exercícios, é trabalho vosso e não nosso.

Erasto

Observação – A propósito da discussão que ocorreu na Sociedade, sobre a mediunidade dos animais, disse o Sr. Allan Kardec ter observado muito atentamente as experiências feitas nestes últimos tempos em aves, às quais se atribuía a faculdade

mediúnicamente, acrescentando ter reconhecido, de maneira incontestável, os processos da prestidigitação, isto é, das cartas marcadas³⁸, empregadas com muita habilidade, para darem ilusão ao espectador que, sem se preocupar com o fundo, contenta-se apenas com a aparência. Efetivamente, essas aves fazem coisas que nem o mais inteligente dos homens, nem mesmo o sonâmbulo mais lúcido poderiam fazer, levando-se a concluir que seriam dotadas de faculdades intelectuais superiores às do homem e assim contrariando as leis da Natureza. O que mais se deve admirar em tais experiências é a arte, a paciência que foi preciso desenvolver para adestrar esses animais, tornando-os dóceis e atentos. Para obter tais resultados, certamente foi necessário ocupar-se com naturezas flexíveis, mas, em última análise, só com animais amestrados, nos quais há mais hábito do que combinações. E a prova disso é que, se deixam de treiná-los durante algum tempo, logo perdem o que aprenderam. O encanto dessas experiências, como o de todas as manobras de prestidigitação, está no segredo dos processos utilizados. Uma vez conhecido o processo, perdem todo o seu atrativo; foi o que aconteceu quando os saltimbancos quiseram imitar a lucidez sonambúlica pelo pretense fenômeno a que chamavam dupla vista. Nesse caso, não pode haver ilusão para quem quer que conheça as condições normais do sonambulismo. Dá-se o mesmo com a pretensa mediunidade das aves, facilmente percebida por qualquer observador experiente.

POVOS, SILÊNCIO!

(Enviada pelo Sr. Sabò, de Bordeaux – Mèdium: Sra. Cazemajoux)

Para onde correm essas crianças vestidas de túnicas brancas? A alegria ilumina-lhes o coração. Essa multidão folgazã vai brincar nos verdes prados, onde farão uma ampla colheita de flores e perseguirão o inseto brilhante que se nutre em seus cálices. Despreocupadas e felizes nada percebem além do horizonte azul

38 N. do T.: *Carte forcée*, no original = *constrangimento*. No contexto da frase, traduzimos por *cartas marcadas*.

que as cerca. Sua queda será terrível se não vos apressardes em predispor seus corações aos ensinamentos espíritas. Porque os Espíritos do Senhor atravessaram as nuvens e vêm pregar a vós. Escutai suas vozes amigas; escutai atentamente. Povos, silêncio!

II

Elas se tornaram grandes e fortes. A beleza máscula de uns, a graça e o abandono de outras fazem reviver no coração dos pais as doces lembranças de uma época já distante, mas o sorriso que ia desabrochar em seus lábios emurhecidos desaparece para dar lugar a sombrias preocupações. É que também sorveram, em grandes tragos, na taça encantada das ilusões da juventude, o veneno sutil que lhes enfraqueceu o sangue, debilitou-lhes as forças e lhes envelheceu os rostos, tornando-os calvos. Por isso, gostariam de impedir os filhos de provar a mesma taça envenenada. Irmãos! o Espiritismo será o antídoto que deve preservar a nova geração de suas devastações mortais. Porque os Espíritos do Senhor atravessaram as nuvens e vêm pregar a vós. Escutai suas vozes amigas; escutai atentamente. Povos, silêncio!

III

Alcançaram a virilidade; tornaram-se homens. São sérios e graves, mas não são felizes; seus corações estão entediados e não têm senão uma fibra sensível: a da ambição. Empregam tudo quanto têm de força e de energia na aquisição dos bens terrestres. Para eles não há felicidade sem as dignidades, as honrarias, a fortuna. Insensatos! De um instante para outro o anjo da libertação vai abater-vos; sereis forçados a abandonar todas as quimeras; sois proscritos que Deus pode convocar à mãe-pátria a qualquer instante. Não edifiqueis palácios nem monumentos; uma tenda, roupas e pão, eis o necessário. Contentai-vos com isto e oferecei o supérfluo aos irmãos a quem tudo falta: abrigo, roupa e pão. O Espiritismo vem dizer-vos que os verdadeiros tesouros que deveis conquistar são o amor de Deus e do próximo. Eles vos farão ricos

para a eternidade. Porque os Espíritos do Senhor atravessaram as nuvens e vêm pregar a vós. Escutai suas vozes amigas; escutai atentamente. Povos, silêncio!

IV

Suas fronteiras se inclinam à beira do sepulcro. Têm medo e queriam erguer a cabeça; mas o tempo lhes arqueou as espáduas, endureceu-lhes os nervos e os músculos e eles são impotentes para olhar para o alto. Ah! quantas angústias vêm assaltá-los! Repassam nos refolhos da alma sua vida inútil e muitas vezes criminosa; o remorso os corrói, como um abutre esfaimado. É que, freqüentemente, no curso dessa existência, esgotada na indiferença, negaram seu Deus, que, à borda da sepultura, lhes aparece como vingador inexorável. Não temais, irmãos, e orai. Se, em sua justiça, Deus vos castiga, fará graça ao vosso arrependimento, porquanto o Espiritismo vem dizer-vos que a eternidade das penas não existe e que renasceis para vos purificardes e expiar. Assim, vós que estais fatigados do exílio na Terra, envidai todos os esforços para melhorardes, a fim de a ela não mais retornar. Porque os Espíritos do Senhor atravessaram as nuvens e vêm pregar a vós. Escutai suas vozes amigas; escutai atentamente. Povos, silêncio!

Byron

JEAN-JACQUES ROUSSEAU

(Médium – Sra. Costel)

Nota – A médium estava ocupada com assuntos alheios ao Espiritismo; dispunha-se a escrever sobre assuntos pessoais, quando uma força invisível a compeliu a dissertar o que segue, malgrado o seu desejo de continuar o trabalho começado. É o que explica o início da comunicação:

“Eis-me aqui, embora não me chamasses. Venho falar-te de coisas muito estranhas às tuas preocupações. Sou o Espírito Jean-Jacques Rousseau. Há tempos esperava a ocasião de me comunicar contigo. Escuta, pois.

“Penso que o Espiritismo é um estudo puramente filosófico das causas secretas dos movimentos interiores da alma, pouco ou nada definidos até agora. Explica, mais ainda do que descobre, horizontes novos. A reencarnação e as provas sofridas antes de alcançar o fim supremo não são revelações, mas uma confirmação importante. Estou comovido pelas verdades que esse *meio* põe à luz. Digo *meio* intencionalmente, porque, a meu ver, o Espiritismo é uma alavanca que afasta as barreiras da cegueira. A preocupação das questões morais está inteiramente por nascer. Discute-se política, que move os interesses morais; discute-se os interesses privados; apaixona-se pelo ataque ou pela defesa das personalidades; os sistemas têm seus partidários e seus detratores, mas as verdades morais, as que constituem o pão da alma, o alimento da vida, são deixadas na poeira acumulada pelos séculos. Aos olhos da multidão, todos os aperfeiçoamentos são úteis, salvo os da alma; sua educação, sua elevação são quimeras, boas só para deleitarem os sacerdotes, os poetas, as mulheres, seja como modo, seja como ensinamento.

“Se o *Espiritismo* ressuscitar o *espiritualismo*, devolverá à sociedade o impulso que a uns dá a dignidade interior, a outros a resignação e a todos a necessidade de se elevarem para o Ser Supremo, esquecido e ignorado pelas criaturas ingratas.

Jean-Jacques Rousseau”

A CONTROVÉRSIA

(Enviada pelo Sr. Sabò, de Bordeaux)

Ó Deus! meu Senhor, meu Pai e meu Criador, dignai-vos dar ainda ao vosso servo um pouco daquela eloquência humana que levava a convicção ao coração dos Irmãos que vinham, em torno da cátedra sagrada, instruir-se nas verdades que lhes havíeis ensinado.

Enviando seus Espíritos para vos ensinarem vossos verdadeiros deveres para com ele e para com os vossos irmãos,

quer Deus, acima de tudo, que a caridade seja o móvel de todas as vossas ações e de vossos irmãos, que querem fazer renascer esses dias de luto e estão na senda do orgulho. Este tempo está longe de vós e Deus seja bendito eternamente, por ter permitido que os homens cessassem para sempre essas disputas religiosas, que jamais produziram o menor bem e causaram tanto mal. Por que querer discutir os textos evangélicos, que já comentastes de tantas maneiras? Esses diversos comentários foram feitos quando não possuíeis o Espiritismo para vos esclarecer, e é ele que vos diz: A moral evangélica é a melhor; segui-a. Mas se, no fundo de vossa consciência, uma voz vos clama: Para mim há tal ou qual ponto obscuro e não me posso permitir pensar diferentemente de meus outros irmãos! Eloim! meu irmão, ponde de lado o que vos perturba; amai a Deus e a caridade, e estareis no bom caminho. Para que serviu o fruto de minhas longas vigílias, quando eu vivia em vosso mundo? para nada. Muitos não lançaram os olhos sobre os meus escritos, que não eram ditados pela caridade e que atraíram perseguições a meus irmãos. A controvérsia é sempre animada por um sentimento de intolerância, que pode degenerar até à ofensa, e a teimosia com que cada um sustenta suas pretensões torna mais distante a época em que a grande família humana, reconhecendo os erros passados, respeitará todas as crenças e não afiará o punhal que havia cortado esses laços fraternos. E para vos dar um exemplo do que vos digo, abri o Evangelho e aí encontrareis estas palavras: “Eu sou a verdade e a vida; aquele que crê em mim, viverá.” E muitos de vós condenais os que não seguem a religião que possui os ensinamentos do Verbo Encarnado. No entanto, muitos estão sentados à direita do Senhor, porque, na retidão de seus corações, o adoraram e amaram; porque respeitaram as crenças de seus irmãos e clamaram ao Senhor quando viram os povos se dilacerando entre si nas lutas de religião e porque não estavam aptos a encontrar o verdadeiro sentido das palavras do Cristo, não passando de instrumentos cegos de seus sacerdotes ou de seus ministros.

Meu Deus, eu que vivia nesses tempos, em que os corações tempestuosos se voltavam contra os irmãos de uma crença oposta, se tivesse sido mais tolerante; se não houvesse condenado, em meus escritos, sua maneira de interpretar o Evangelho, eles estariam hoje menos irritados contra seus irmãos católicos, e todos teriam dado um passo maior para a fraternidade universal. Mas os protestantes, os judeus, todas as religiões mais ou menos importantes, têm seus sábios e seus doutores; e, quando mais espalhado, o Espiritismo for estudado de boa-fé pelos homens instruídos, estes virão, como fizeram os católicos, trazer a luz aos seus irmãos e acalmar os seus escrúpulos religiosos. Deixai, pois, que Deus prossiga em sua obra de reforma moral, obra que vos deve elevar para Ele, todos no mesmo grau, e não sejais refratários aos ensinamentos dos Espíritos que Ele vos envia.

Bossuet

O PAUPERISMO

(Enviada pelo Sr. Sabò, de Bordeaux)

Em vão os filantropos da Terra sonham com coisas que jamais verão realizar-se. Lembrai-vos destas palavras do Cristo: “Sempre tereis pobres entre vós”, pois sabeis que estas são palavras de verdade. Meu amigo, agora que conheceis o Espiritismo, não achais justa e equitativa, essa desigualdade das condições, que fazia levantar vossos corações, cheios de murmúrio contra esse Deus que não havia feito todos os homens igualmente ricos e ditosos? Pois bem! Agora que sabeis que Deus agiu com sabedoria em tudo quanto fez e que a pobreza é um castigo ou uma prova, buscai amenizá-la, mas não lanceis mão de utopias para fazer os infelizes sonharem com uma igualdade impossível. Certamente, por uma sábia organização social, é possível aliviar muitos sofrimentos; é isto que se deve visar. Mas pretender que todos venham a desaparecer da face da Terra é uma idéia quimérica. Sendo a Terra um lugar de expiação, sempre haverá pobres que expiam nessa prova o abuso dos bens de que Deus os fizera dispensadores, e que

jamais experimentaram a satisfação de fazer o bem aos seus irmãos; que entesouraram moeda por moeda para acumular riquezas inúteis a si mesmos e aos outros; que espoliaram as viúvas e os órfãos para enriquecer. Oh! esses são muito culpados e seu egoísmo se voltará contra eles!

Guardai-vos, entretanto, de ver em todos os pobres culpados em punição. Se, para alguns, a pobreza é uma expiação severa, para outros é uma provação que lhes deve abrir mais rapidamente o santuário dos eleitos. Sim, sempre haverá pobres e ricos, a fim de que uns tenham o mérito da resignação, e outros o da caridade e do devotamento. Quer sejais ricos ou pobres, transitais sobre um terreno escorregadio, que vos pode precipitar no abismo, na descida do qual só as vossas virtudes vos podem reter.

Quando digo que haverá sempre pobres na Terra, quero dizer que enquanto houver vícios, que dela façam um lugar de expiação para os Espíritos perversos, Deus os enviará para nela se encarnarem, para seu próprio castigo e dos vivos. Merecei, por vossas virtudes, que a vós Deus não envie senão Espíritos bons, e de um inferno fareis um paraíso terrestre.

Adolfo, bispo de Argel

A CONCÓRDIA

(Enviada pelo Sr. Rodolfo, de Mulhouse)

Sede unidos, meus amigos: a união faz a força; proscreevi de vossas reuniões todo espírito de discórdia, todo espírito de inveja. Não invejeis as comunicações que recebe tal ou qual médium; cada um a recebe conforme a disposição de seu Espírito e a perfeição de seus órgãos.

Jamais vos esqueçais de que sois irmãos, e essa fraternidade não é ilusória: é uma fraternidade real, porque aquele

que foi vosso irmão numa outra existência pode achar-se entre vós, fazendo parte de outra família.

Assim, sede unidos de espírito e de coração; buscai a mesma comunhão de pensamento. Sede dignos de vós mesmos, da doutrina que professais e dos ensinamentos que fostes chamados a espalhar.

Sede conciliatórios nas opiniões; que elas não sejam absolutas; procurai esclarecer-vos uns aos outros. Postai-vos à altura do vosso apostolado e dai ao mundo o exemplo da boa harmonia.

Sede o exemplo vivo da fraternidade humana e mostrai, até que ponto podem chegar os homens sinceramente devotados à propagação da moral.

Não tendo senão um objetivo, um só e mesmo pensamento deveis ter: o de pôr em prática o que ensinai. Que, pois, seja vossa divisa: Paz e fraternidade!

Mardochee

A AURORA DOS NOVOS DIAS

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sra. Costel)

Eis-me aqui, eu que não evocais, mas que estou ansiosa para ser útil à Sociedade, cujo objetivo é tão sério quanto o é o vosso. Falarei de política. Não vos assusteis: sei em que limites devo restringir-me.

A situação atual da Europa oferece o mais impressionante aspecto ao observador. Em nenhuma época – não excetuo nem mesmo o fim do último século, que fez tão grande estrago nos preconceitos e abusos que oprimiam o espírito humano – o movimento intelectual se fez sentir mais ousado, mais franco. Digo franco, porque o espírito europeu marcha na verdade.